



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

27 DE SETEMBRO DE 1975

IMPROVISO NA SUDENE, EM RECIFE.
ENCERRANDO OS DEBATES SOBRE O
PLANO PARA O CONTROLE DAS EN-
CHENTES.

Antes de encerrar esta reunião, eu desejava fazer umas observações. Acredito que a reunião foi proveitosa e que, nas perguntas formuladas e sugestões apresentadas, há muito que se pode aproveitar e, sem dúvida, o Ministério do Interior vai proceder ao exame deste material para as convenientes adaptações.

O problema que nos reúne, que nos preocupa no momento, é adotar medidas que visam a impedir que se reproduza uma calamidade como aquela que tivemos aqui no mês de julho.

Sinto, pelos debates, que se pretende, evidentemente, um alargamento do problema, uma solução mais completa, tendo em vista as peculiaridades de Pernambuco. Eu, entretanto, estou numa posição diferente. Assim como tenho que considerar e procurar resolver esse problema de Pernambuco, enfrento uma infinidade de problemas semelhantes em todo o Brasil. Nós temos enchentes idênticas em todo o Brasil, em várias áreas, e há obras que estão se realizando. Temos enchente em Tubarão, no Estado de Santa Catarina, temos enchente no rio dos Sinos, no rio Jacuí, Rio Grande do Sul. Tivemos enchente no pantanal de Mato Grosso, em Cuiabá; vemos agora problemas em Alagoas e Ser-

gipe; enchente no rio Jaguaribe, no Ceará, no rio Açu, no Rio Grande do Norte. Fora as enchentes normais que ocorrem no rio Amazonas. E é preciso atender a tudo isto.

E quando se vai atender a tudo, nos defrontamos com as condições próprias dos recursos de que dispomos. Recursos financeiros, recursos humanos, recursos técnicos.

Então, evidentemente, num paralelo que se estabeleça entre as necessidades e os recursos disponíveis, estamos com deficit muito grande. Daí resulta a coisa mais elementar, que é da vida: temos que estabelecer prioridades. Se há prioridade aqui, mas se várias bacias foram atingidas, se várias localidades foram atingidas, temos que atender a mais importante, a principal, a calamidade maior. Então, o problema que vimos resolver neste auditório, o problema principal, é do Recife.

Não quer dizer que os demais problemas não mereçam atenção, mas não estão em foco agora, nem agora os vamos poder resolver, como solução completa e perfeita. Do mesmo modo, há que considerar que um problema desses exige solução progressiva. Nós estamos agora procurando resolver o problema da enchente. Sem dúvida, há questões ecológicas. Há questões econômicas. Há problemas para melhor aproveitamento para irrigação, e assim por diante. Mas isso é depois. Estamos lutando, no presente caso, contra o tempo. Temos que realizar essas obras para que a calamidade não se repita.

Uma série de coisas complementares vamos fazer depois. Intensificaremos as providências devidas para que não haja mais uma enchente dessa natureza no Recife.

Esse é o meu objetivo. E dentro dele tenho que perseverar.

Se vamos atender a aspectos ecológicos, muito bem. Se vamos atender a problemas de um aproveitamento integral do vale, vamos atender. Mas, temos outros vales no Brasil para atender. Estamos aí, há 50 anos, em todo o vale do São Francisco, e não conseguimos resolver as coisas de lá. Todos os nossos vales exigem infinidades de obras para que possam ter melhor aproveitamento econômico e social. Isso virá a seu tempo. Agora, o nosso problema é combater enchentes. E aí há um outro aspecto: o problema não é um problema exclusivamente da área federal. O governo federal, sem dúvida, se empenha. E porque dispõe de mais recursos se engaja na solução do problema. Mas, é preciso que o Estado ajude, é preciso que os Municípios ajudem. E é preciso, sobretudo, que a comunidade ajude, lute e trabalhe e coopere, porque aí somamos forças. E se somarmos forças, colheremos um resultado melhor em menor tempo.

Eram essas as coisas que eu queria lhes dizer além de agradecer pelo comparecimento de todos aqui, a cooperação que nos prestaram e a convicção de que em março de 1978 essas obras estarão realizadas e, possivelmente, a partir daí, se houver enchentes, terão efeitos mínimos sobre esta área.